

Filosofi da Viagem

Jelson
Oliveira

3ª edição



Prefácio de Júlio César Adam
Posfácio de Marcella Lopes Guimarães

PUCPRESS 



Para minha mãe, Olga Wileda,
primeira mestra no gosto e na arte de viajar.
E para meus companheiros de viagem.

Eis a boa filosofia: tudo é viagem. É viagem o que está à vista e o que se esconde, é viagem o que se toca e o que se adivinha, é viagem o estrondo das águas caindo e esta sutil dormência que envolve os montes.

José Saramago

A sabedoria não nos é dada. É preciso descobri-la por nós mesmos, depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós.

Marcel Proust

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Guimarães Rosa

Sumário

Prefácio | 9

Partida: por uma filosofia da viagem | 15

1 Da vantagem e desvantagem de viajar (Sêneca) | 39

2 Vida como movimento (Hans Jonas) | 53

Viajantes | 59

3 Em busca da verdade (Descartes) | 61

4 Viajar é a melhor escola da vida (Montaigne) | 75

5 Viver próximo da natureza (Rousseau) | 97

6 O melhor dos mundos possíveis (Voltaire) | 121

Andarilhos | 131

7 Fugir do tédio (Schopenhauer) | 133

8 Viajar é experimentar (Nietzsche) | 147

9 Viver em terra estrangeira (Montesquieu) | 173

10 A vida é uma viagem absurda (Camus) | 181

11 O desafio da hospitalidade (Derrida) | 187

Chegada: voltando para casa outra vez | 203

Posfácio | 209

Referências | 213

Obras consultadas | 219

Prefácio

Quando criança, eu queria acompanhar um circo. Estava tão convicto dessa decisão, que meu avô, preocupado, aconselhava meus pais a não mais me levar a circos. Os circos me fascinavam não só pelo espetáculo, mas pela forma de vida, o nomadismo. Fascinava-me tanto ver o espetáculo, quanto olhar atrás, ver as barracas, os caminhões, os *trailers*, aquela gente tão diferente, que era de todos os lugares e, ao mesmo tempo, de lugar nenhum.

Fiz curso de mágica por correspondência e separei algumas das minhas coisas para levar comigo, quando, enfim fosse embora. Saí um pouco depois, para estudar Teologia, e o circo virou igreja. A leveza da lona, substituída pela dureza dos templos. Teólogos e sacerdotes viajam! Esse parecia ser o único elo para justificar tamanha guinada de destino. Pelo menos, foi um consolo. Muito mais tarde, descobri que o mesmo fascínio em relação ao circo estava lá na teologia e na Igreja: a vida como tenda, totalmente nômade, peregrina. A transitoriedade de tudo. A viagem como metáfora da vida.

A teologia se organiza em torno de dois movimentos, duas páscoas: a páscoa judaica (o êxodo) e a páscoa cristã (a ressurreição). Ambos expressam a radicalidade e a pertinência do movimento, da passagem, infelizmente fixados e endurecidos pelas verdades dogmáticas. Se nós temos fundamento, ele é movimento, como a própria vida. Tudo se move: os movimentos no interior e no exterior de nossos corpos, as relações humanas, os movimentos da sociedade na busca de si mesma, o movimento dos astros e planetas, do universo... Tudo se constitui a partir dos ciclos no tempo e no espaço, do ir e vir, do chegar e partir. Tão impregnante é a passagem que Deus, sendo eterno, faz-se transitório, movimento. Falar de um Deus assim exige uma teologia também suportavelmente transitória, fragmentada, de passagem, andarilha... Uma teologia de terminais.

Não precisei, pois, do circo para experimentar e perceber a vida como uma permanente viagem. Quando vi, caminhava em uma pesquisa doutoral, longe de casa, tendo como tema uma peregrinação: a Romaria da Terra, no Brasil. Nada mais brasileiro que uma romaria. Nela, a fé abandona a razão e as ideias, passando a se expressar pelos pés em movimento. Desde o sair de casa, cada parte grande e pequena da liturgia, os gestos e as ações, o caminho e o movimento constituem a Romaria da Terra. Ela é espelho de seus romeiros, porque eles estão concretamente em busca de um lugar de onde se possa partir e para onde se possa minimamente voltar. Em minha peregrinação através da Romaria da Terra, encontrei o Jelson, autor deste livro sobre viagem.

Só andar pela teologia não me tem sido suficiente. Preciso ver atrás da lona. A filosofia apareceu em minha caminhada com essa promessa. Olhar por detrás da lona, entender o que está além da viagem, além da chegada e da saída, ir além da chegada, questionar se há saída, se há chegada e todo o resto no meio. Fazer filosofia a partir da viagem: exatamente disso trata Jelson, aqui. Tanto andamos e nos encontramos aqui, neste livro que não aceita ser um ponto de parada, mas o desmonte da própria parada, da acomodação. Na chegada, já não nos achamos.

O *Filosofia da viagem* não é um livro, é uma intimação. Assim Jelson o define. Intimação para a próxima parada, que leva até a próxima, e sucessivamente, até que o indivíduo se dá conta de que a vida inteira nada mais é do que a própria viagem.

Para Jelson, filosofia é uma saudade. Por isso, uma filosofia da viagem é um bom pretexto para dar conta dessa ausência na vida. O livro traz a filosofia para dentro do concreto dessa curta estadia chamada vida. A partir de um tema periférico, subterrâneo, um tema abusado, explorado, comercializado e romantizado como o é a viagem, a proposta do livro busca entrar no labirinto dos pensamentos e arejar a própria filosofia. Uma filosofia por meio de metáforas. Já na introdução, a proposta filosófica chama para sair de si e arriscar-se. O próprio livro é um projeto que se arrisca, reforçando concretamente aquilo que diz. É um pensamento para viajantes, aqueles que organizam metodologicamente a vida e a viagem, algo que nem sempre é possível. É um livro para os andarilhos, aqueles que entendem o pensar e o viver na dinâmica do movimento, para aqueles que suportam a insegurança da viagem e arriscam andar errantes.

Filosofia da viagem faz escalas em filósofos de todos os tempos e lugares, refletindo sobre a viagem a partir das ideias deles. Depois da viagem junto a viajantes e andarilhos, já não somos mais os mesmos, nem mesmo a casa é mais a mesma. Assim como quem viajou, ela rejuvenesceu e se transformou. No fim da leitura — e não importa em que ordem a fizemos, como o próprio Jelson sugere — damos conta de que o próprio livro é a viagem. Uma viagem que nos coloca em movimento, com vantagens e desvantagens, por entre verdades e impossibilidades, natureza e humanidade, diferenças e aconchegos focais, absurdos e possibilidades. No final, temos vontade de viajar e, ao mesmo tempo, temos medo. A viagem pode desnudar a vida e, no caminho, talvez a gente não encontre a casa — pelo menos não a mesma. Então, melhor viajar um tempo com o livro, até estar minimamente de posse de si.

Jelson tem o dom de fazer as pessoas colocarem-se em movimento, por meio de sua poesia, de seu texto, de sua vida, como professor, pesquisador e, sobretudo, como pessoa. Em *Filosofia da viagem*, ele radicaliza esse dom — tarefa nada fácil atualmente, quando as pessoas giram em torno de si e viajam sem arriscar uma filosofia da própria viagem, uma espiada por detrás do que está programado.

Júlio César Adam¹

¹ Professor de Filosofia; pós-doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha (2004). Autor do livro *Liturgia com os pés* (São Leopoldo: Sinodal; EST, 2012), versão em português do livro homônimo publicado em alemão como resultado de sua tese doutoral, que recebeu o prêmio Karl H. Ditze, como tese de destaque na Alemanha em 2005.





Partida: por uma filosofia da viagem

Não há melhor fragata do que um livro para nos levar a terras distantes.

Emily Dickinson

Em grego, a palavra *planeta* é πλανήτης, uma alternativa a πλάνης, que quer dizer simplesmente “errante”. Perdido no espaço infinito, o planeta é o símbolo da dinâmica orbital do espaço, traduzida no enigmático princípio do movimento que caracteriza a essência da vida — “tudo flui”, disse Heráclito na primavera do pensamento grego, quando tudo era maravilha.

No solo do planeta, a vida se faz viagem. *Vivere navigare est* (viver é viajar), reza o antigo provérbio. A viagem é a estratégia usada pelo ser humano desde a pré-história para que a vida se mantenha possível. Nômade sobre o planeta errante, o homem buscou as condições de sua existência deslocando-se sobre longas extensões na paisagem, até que a vida sedentária fosse inventada e

os territórios demarcados pelos limites nacionais e pelas balizas da propriedade privada. Reconhecendo um *lugar* como seu, o homem desenvolveu um novo afeto, a *topofilia*, o amor ao lugar. Mas isso não o impediu de continuar viajando. Ao contrário, tendo encontrado seu porto seguro, a humanidade pôde arriscar-se ainda mais e superar todas as fronteiras.

Viajou-se pelo comércio: as primeiras civilizações cresceram com a arte do escambo e com o contato entre diferentes culturas, principalmente por meio das viagens marítimas, que trouxeram grande impulso cultural. Viajou-se também para novas conquistas e para a expansão dos territórios, entre os horrores das excursões bélicas que tantas vidas ceifaram ao redor do mundo, dando surgimento aos primeiros impérios: persa, macedônio, romano... Mais tarde, com o fim da unidade desse último, as culturas dispersam-se, mas ao contrário do que geralmente se pensa, durante a Idade Média a viagem continuou sendo praticada no Ocidente, principalmente a partir do século XII, tempo de intensa circulação de homens e ideias,

estando hoje disponível uma vasta série de trabalhos sobre viajantes tão diversificados como os peregrinos, os cavaleiros, os eclesiásticos, os exploradores ou, num campo mais tradicional da investigação, os muitos mercadores das cidades emergentes na Europa dos séculos XIII, XIV e XV (LOPES, 2006).

As viagens da cristandade foram absolutamente relevantes para a afirmação dos valores da nova civilização:

Sem as viagens não teria sido possível a gênese e afirmação do Ocidente cristão. Em grande parte, as origens medievais da cristandade latina relacionam-se com várias e sucessivas campanhas de evangelização e missão. Levadas a cabo pelos religiosos itinerantes, contribuíram para anexar ao catolicismo de raiz mediterrânica e urbana vastas regiões rurais europeias e reinos e comunidades outrora situadas, no todo ou em parte, no exterior

do antigo império romano-cristão, desde as Ilhas Britânicas à Polónia e à Hungria, passando pela Escandinávia e pela Germânia. Sem as deslocações dos clérigos, que utilizaram a mesma língua em várias nações — o latim — e tomaram como referência os mesmos textos sagrados, não se teria estruturado e afirmado a civilização medieval ocidental nem a ampla geografia de lugares sagrados que, no interior e mesmo no exterior da Europa, suscitavam múltiplas peregrinações, sendo a partir delas, aliás, que se foram organizando e estabelecendo muitos dos itinerários seguidos e percorridos pelos viajantes medievais. Na Idade Média, os cristãos que cruzavam os caminhos do Ocidente, quer fossem reis, senhores, camponeses, clérigos, monges, funcionários, artesãos, almocreves e mercadores, quer apenas pobres, fugitivos ou vagabundos, eram, simultânea ou exclusivamente, peregrinos em busca dos santuários e das relíquias que lhes permitiam obter graças e proteções celestes (LOPES, 2006).

Foi nessa época medieval que surgiram, além das Cruzadas (séc. XI ao XIII), as grandes peregrinações religiosas: o *peregrinus* é o estrangeiro e o exilado, não raras vezes caminhando como punição, penitência, expiação. Andando como um estranho no mundo para purificar-se de uma culpa, o peregrino vive os sofrimentos da viagem e, não raro, acrescenta ao caminhar dispositivos como ferros, pesos, arames e argolas dependuradas no corpo: era preciso reviver a caminhada de Cristo rumo ao Calvário. Caminhar, nessas priscas eras, tornou-se um exercício de conversão, uma forma de pedir graças, de obsecrar curas ou remissões. Mas foi também, e sobretudo, a viagem medieval, a vivência de um chamado na forma de um seguimento, como ocorrera com os frades mendicantes franciscanos e dominicanos, que caminhavam dispersos em duplas sobre a terra pobre e herética na qual deveria germinar a mensagem da fé. Dessa forma, no medievo, o peregrino passou a ter um estatuto jurídico e religioso, que incluía rituais com missa solene e bênçãos dos utensílios de viagem, gerando, na época, uma cultura de hospitalidade e reconhecimento, como parte daquilo que poderíamos chamar de

uma *ética da viagem*: receber o viajante é partilhar seu esforço. Ao suavizar as feridas e aliviar seus jugos, o homem medieval acreditava dar repouso ao próprio Cristo na pessoa do peregrino. Marcados pela ausência de comodidades, pelo medo do mar aberto e pelo perigo de estradas desconhecidas, os périplos de missionários, peregrinos e mercadores foram inspirados por uma visão espiritual do ato de viajar.

Mais tarde, no Renascimento, retomaram-se as viagens comerciais, amplamente impactadas pela experiência de Marco Polo, o viajante veneziano que partiu em 1272 do porto de Liasus (na Armênia) para uma viagem de 24 anos pelo Oriente. Essa jornada acabou por exercer grande impulso nas relações entre os dois hemisférios, e suas crônicas povoariam o imaginário dos povos ocidentais com inumeráveis aventuras, contribuindo para a redescoberta da fascinação europeia (em especial) pelas viagens a terras distantes. Esse mesmo interesse deu origem ao verdadeiro afã de busca do “Eldorado” que marcaria a Idade Moderna e motivaria as viagens exploratórias de então, levando à “descoberta” de “novos” mundos e povos.

As viagens, então, trouxeram, de um lado, o enriquecimento do “Velho Mundo” e, de outro, a destruição, a exploração e o aniquilamento de culturas locais do chamado “Novo Mundo”. A expansão político-econômica da Europa sobre as terras ameríndias fez com que as “nações” americanas fossem fundadas por “viajantes” cujo compromisso, em geral, era simplesmente a exploração dos recursos naturais, sob a imposição de um modo de ser, pensar, crer e viver tido como “melhor” e “correto”. A colonização levaria, então, às terríveis viagens dos navios negreiros, atravessando os mares a fim de transportar negros escravos para as colônias. O horror da viagem entre céu e mar foi consumado pelo refrão marcante do poema de Castro Alves (1997, p. 31): “Stamos em pleno mar... Dois infinitos ali se estreitam num abraço insano, / Azuis, dourados, plácidos, sublimes... / Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...”. E um pouco depois, essa amplidão de uma

viagem sem sentido volta a atormentar o poeta: “Donde vem? onde vai? Das naus errantes / Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?”. As viagens saqueiam a África e abrem mundialmente a ferida — que ainda sangra — do tráfico, da pirataria, do comércio clandestino e ilegal de pessoas. No Brasil, essa viagem proibida e sangrenta esteve associada ao processo de ocupação do território que dizimou milhares de indígenas nativos com a chegada do estrangeiro e com as posteriores viagens ao interior do país — as “Entradas e Bandeiras” —, cujo objetivo era ocupar, demarcar e constituir a unidade nacional, tal como ocorrera no *faroste* norte-americano.

Nenhum século foi mais dedicado à viagem do que o século XVII, justamente a Era das Grandes Navegações, que muito contribuíram para o cosmopolitismo que o Iluminismo consagrou no século seguinte, consolidando certa unidade cultural europeia. Além disso, foi nesse tempo que se iniciou o interesse antropológico e natural, fazendo contrastar o exotismo das terras distantes com o progresso vivido na Europa durante esses dois séculos.

Em contraposição a esse interesse pela viagem, a Era Moderna alimentou, no Ocidente, certa aversão aos povos nômades. Desde os tempos mais remotos, é verdade, a cultura opôs Caim, o agricultor fratricida, a Abel, o pastor nômade. A maldição de Caim teria sido errar pelo mundo, expulso do paraíso. Assumir a identidade do irmão assassinado, portanto. Viagem vira expiação da culpa. Indesejado, o viajante explicita o castigo de Deus contra o homem. Condição existencial, a falta de uma casa deu a povos inteiros a pecha de deslocados morais, por representarem em si mesmos (em sua condição de retirantes) o ato de sua própria desagregação, motivada pela ofensa a Deus, cujo achaque legitimaria todas as injúrias a eles dirigidas pelos demais membros da sociedade humana. Não raras vezes essas gentes foram/são vitimadas por ideologias que as querem extinguir: gitanos, boêmios e zingáros, judeus e ciganos, sem pátria e sem terra, foram perseguidos pelas raças sedentárias que aspiravam metafisicamente a

uma nacionalidade fixa e ideal — imposta, sempre, pela violência e pelo genocídio. A esse respeito, o exemplo dos judeus, nos terríveis anos do século XX, é cabal: “O campo de concentração, a permanência obrigatória num lugar, o confinamento como gado, cercado de arame farpado, e depois a destruição, a morte por gás, como com os animais nocivos” (ONFRAY, 2009, p. 13). Os sistemas sedentários do mercado e da propriedade privada (com seus interesses multiplicados nas opiniões pretensamente ingênuas do senso comum) dão continuidade, ainda hoje, a essa mesma lógica de repulsa, rejeição e maldição contra os errantes, a quem se nega o repouso de uma pátria.

Os séculos XX e XXI, por sua vez, são marcados por duas viagens nunca imaginadas: primeiro, a corrida espacial do Pós-Guerra fez do espaço a fronteira final e, segundo, a biologia molecular deu início à “viagem insólita” para o interior do corpo, apoiada na descoberta do DNA e nas variadas invenções e intervenções da biotecnologia contemporânea. Se no período pré-histórico, as migrações humanas pelo planeta levaram à constituição das primeiras civilizações, agora a migração tecnocientífica pela essência da matéria viva e não viva oferece a possibilidade de redefinição das espécies em geral, num tempo em que novas correntes migratórias se efetivam do sul para o norte e muitas nações do Primeiro Mundo fecham suas fronteiras para o homem real que viaja em busca de condições de sobrevivência. De novo, como o Édipo errante fugindo de si mesmo, o estrangeiro chega às portas dessas *idades invisíveis*², criadas pelas peças publicitárias como a terra prometida que mana leite e mel. O enigma proposto, contudo, não pode ser decifrado e, em geral, a Esfinge devora o viajante. A Tebas de hoje ainda não está ao alcance dos retirantes. Para eles, a cidade continua proibida, invisível, inalcançável. Expulsos, eles vagam na

² Título da contundente obra de Ítalo Calvino, na qual Marco Polo descreve ao conquistador mongol Kublai Khan as cidades de seu imenso império.

rigidez da geografia, sem história, na abrangente simbologia de seu próprio destino, inesgotável e complexo.

Viver é viajar

Esse aspecto histórico-civilizacional faz da viagem uma metáfora filosófico-existencial de primeira grandeza, uma forma de contemplação de si: “nós mesmos, eis a grande questão da viagem”, escreveu Onfray (2009, p. 75). Em viagem, o ser humano recupera a unidade consigo e com o mundo. Nos parques floridos, à beira de lagos ou rios, nas ruas de cidades desconhecidas, na praia ou em altas montanhas, em castelos antigos ou em museus ao redor do mundo — não é justamente isso que buscamos? Não é justamente essa experiência filosófica que pretendemos alcançar? Não é esse experimento com nós mesmos que queremos empreender, a fim de nos purificarmos da sujeira social e recuperarmos nossa integridade? Essa tarefa psicológica e espiritual é vivida por inúmeros personagens de nossa história, entre os quais estão o Moisés bíblico e todo o povo hebreu, nos 40 anos de caminhada pela transparência desértica em busca da Terra Prometida. Foi essa também a experiência do Nazareno em suas caminhadas pela região da Galileia até a viagem final sob o lenho de uma cruz; ou mesmo de Sidarta Gautama, que, aos 29 anos, deixou seu castelo e partiu numa viagem ascética em busca da luz; ou de Gandhi e sua marcha do sal, unindo misticismo e política. A lista poderia incluir Paulo de Tarso, todos os apóstolos, homens como Francisco de Assis, além de inúmeros pensadores-caminhantes de todos os tempos. O que todos esses mestres espirituais encontraram senão a si mesmos e, conseqüentemente, a essência da humanidade espalhada na paisagem do mundo, disponível para a experiência rejuvenescedora daqueles que se rendem a suas próprias inquietações?

Etimologicamente, a palavra *viagem* não parece dar conta dos inúmeros significados que lhe foram associados nas várias

línguas. A riqueza semântica do termo traduz apenas a pluralidade de pretextos e objetivos escondidos por trás desse gesto enigmático de movimentação dos corpos provocado pelas motivações dos espíritos. Em inglês, diz-se *trip* para se falar em passeio, excursão, jornada; ou simplesmente *travel* ou *journey* quando se fala em jornada ou viagem por terra. No mar, a viagem torna-se *voyage* e no ar, *flight*, que pode ser voo, mas também fuga, revoada, trajetória. Uma longa jornada a pé é *trek*, e quando se quer falar em passagem, corredor, trânsito, transição, caminho, a palavra é *passage*. *Transit* é trânsito, transporte, passagem, trajeto, rota. E o quase onomástico *run* é usado para corrida, operação, duração, período, marcha. *Wander* é viagem sem rumo e *peregrination* é peregrinação. Em francês, temos *voyage*, *trajet*, *séjour*, *déclenchement*. Em alemão: *Reise*, *Trip*, *Fahrt*, *Ausflug*, *Rückflug*. Em latim: *trinus*, *supplantet*, *itineratione*, *supplantator*, *pedibus plaudunt*. Em grego: ταξίδι, ταξιδιού, το ταξίδι, ταξιδιού για, διαδρομή. Tantas palavras, um único sentido: ser capaz de viver, de deixar o sedentarismo, colocar-se para fora do óbvio, sair de si, sair de casa, experimentar, aprender, conhecer.

Trata-se da vivência de um deslocamento que opõe o viajante ao homem sedentário. Quem viaja vive a experiência de um interregno que rompe com as estruturas preestabelecidas e os quadrantes marcados da vida social gregária. A vida cronometrada da civilização cede lugar a um reordenamento geográfico e temporal em que o viajante não pode ser mais simplesmente identificado e controlado pela autoridade das leis e dos governos pátrios. Sem chão próprio, o viajante está num não-lugar, numa verdadeira *utopia*. Livre das amarras, ele recusa as prisões dos compromissos sociais, das relações ensaiadas, das coerções fastidiosas. Prefere o tempo das “durações subjetivas” (ONFRAY, 2009, p. 15) vistas de dentro de seus próprios caprichos. O viajante tem o dom de obedecer somente a si mesmo:

O viajante concentra esses tropismos milenares: o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão gregária, a vontade de independência, o culto da liberdade e a paixão pela improvisação de seus menores atos e gestos; ele ama o seu capricho mais do que a sociedade na qual vive à maneira de um estrangeiro, coloca sua autonomia bem acima da salvação da cidade, que ele habita como ator de uma peça da qual não ignora a natureza de farsa. Longe das ideologias da aldeia natal e da terra, do solo da nação e do sangue da raça, o errante cultiva o paradoxo da forte individualidade e sabe se opor, de maneira rebelde e radiosa, às leis coletivas (ONFRAY, 2009, p. 13).

Uma estratégia para manter-se vivo, a viagem torna-se um tema de impressionante vivacidade filosófica: é a experiência da vida como passagem. Viver é só despedida. Tarefa composta, viajar supõe olhos dispostos, potência de admiração, gosto pela maravilha — há que se deixar ruir por dentro para intentar novas aquisições. Viagem assim é experimento educativo, exercício de um aprendizado que, por tirar o eu de si mesmo e colocá-lo em terra estrangeira, engendra enriquecimentos. Convém aprender: é fora de casa que nos tornamos mais senhores da nossa. Ademais, em viagem, experimentamos um pouco do que seria a vida longe das interdições impostas pelo cotidiano e das obrigações que nos ocupam sem nos satisfazer. Abandonamos as notícias e suas urgências, quando o *fazer* cede lugar para o *ser*, para a alegria de simplesmente existir, um sentimento do qual “é feita a infância por inteiro” (GROS, 2010, p. 87). Voltar a ser criança é o ideal do espírito. E a caminhada tem esse deleite infantil da gratuidade, da brincadeira, do maravilhamento. Como tarefa filosófica, é nela que o homem recupera sua inocência, livrando-se do jogo de culpa que o faz estacionar, sedentário, na incapacidade de perdoar. Além disso, caminhar é deixar o barulho e preferir o silêncio:

Caminhar faz calarem-se bruscamente rumores e queixas, cessar a interminável tagarelice interior pela qual se comenta sem parar a vida alheia, procede-se a autoavaliações, reconstitui-se, interpreta-se. Caminhar silencia o solilóquio indefinido em que reaparecem os ressentimentos azedos, os contentamentos tolos, as vinganças fáceis (GROS, 2010, p. 86).

Sobretudo, viajar é experimentar a felicidade que buscamos na grande turnê da vida. Por isso, ela não é apenas uma translação geográfica, mas uma tensão espiritual que se traduz numa espécie de travessia entre o eu e o mundo. Corpo e alma se transfiguram. Como primeira paisagem, o corpo é o motivo da contemplação e a alma é o olho que tudo vê. Viagem promove renovações. Quem viaja, ao viajar, transfigura-se “de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (IANNI, 2000, p. 31). Atravessar é dispor realidade. Foi o que afirmou Guimarães Rosa (1978, p. 52): “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. A vida ocorre no movimento do ser na paisagem.

Não seria assim, por essa via, que no tema da viagem se realiza essa espécie de estética da existência, na qual o eu se descobre, inventa-se, cria a si mesmo? Como expressão da busca de sua identidade íntima, o eu colore o mundo com aquilo que ele encontra em si mesmo. A viagem se torna ontologia, à medida que confunde o viajar com o ser e transforma-se mesmo numa arte do ser, quando o eu se coloca diante de si mesmo. “O ser do mundo procede do ser que o olha”, escreveu Onfray (2009, p. 79). Em terra estrangeira, o eu se condensa a si mesmo para resistir ao estranhamento. Conciso, ele foge das distrações e permanece com o principal. A filosofia da viagem encontra-se então com uma filosofia da subjetividade, na qual o eu se especifica pela via da intersubjetividade e todos os sentimentos por ela evocados.

A viagem transforma o presente e recria o passado. Conecta o tempo numa transição em que o passado é alterado pelo presente, enquanto espera por um futuro que trará novas verdades.

Na viagem, cada novidade faz o andarilho reaprender algo de si mesmo que havia esquecido, ou que pensava ter esquecido. Eis a palavra de Ítalo Calvino, relatando o sentimento de Marco Polo, o viajante inveterado:

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si mesmo e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual todo dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante encontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos (CALVINO, 2009, p. 28).

O relato é admirável e pode ser classificado entre os registros da psicologia da viagem. Aquilo que se aprende é sobre si mesmo. Os lugares desvelam partes olvidadas do ser de cada viajante. Eis sua magia. “O viajante [sabe Marco Polo] reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá” (CALVINO, 2009, p. 29). É assim que os lugares fazem efeito sobre nós — como “espelhos negativos” (CALVINO, 2009, p. 29), cujo reflexo é o que não fomos (porque somos isso aqui e agora) e o que não seremos (por igual motivo). Lugares fundam pessoas. Lugares constituem caracteres e destinos.

Resume-se, assim, no motivo da viagem, alguns dos temas mais fundamentais da vida humana. Não à toa, a cultura está colhida de narrativas e escritos de viagem. Seria até possível afirmar que grande parte de nossa literatura não é senão uma forma de expressão das experiências de viagem (reais ou imaginárias) de seus autores. Textos muito antigos já tratam desse tema: livros babilônicos e egípcios falam da viagem do morto para a imortalidade, enquanto documentos chineses, indianos, judaicos e gregos descrevem vários mitos de viagem, como Ashverus, o judeu errante, os



Neste segundo volume da coleção *Sabedoria Prática*, o autor recupera a proposta do primeiro livro: buscar no espólio da tradição filosófica pistas para pensar o modo de habitação da casa humana comum. Uma sabedoria que organiza e inspeciona as nossas opções hoje e que foge da mera aridez conceitual para formular um texto leve e inspirador. Jelson Oliveira faz da viagem não só a metáfora da vida, mas, sobretudo, um símbolo interpretativo para um modo de vida. Viver como viajantes e andarilhos são as duas opções articuladas pelos testemunhos — teóricos e biográficos — de autores tão diversos como Sêneca, Montaigne, Rousseau, Nietzsche e Camus, dentre outros. Cada nome é uma inspiração, um modo de viver e de viajar. Se há lugares aonde só a bicicleta pode nos levar, aí também só a filosofia — entendida como sabedoria prática, pode nos levar. Se o primeiro livro nos levou ao aconchego da casa, este segundo título nos mostra os benefícios da lembrança: viver é viajar, e para viajar, basta existir!